

# Sobem os juros. Prejuízo: US\$ 700 milhões.

A prime rate subiu de 11,5% para 12%. O Brasil terá que pagar mais US\$ 700 milhões de juros. Mas Pastore acha que podemos absorver o prejuízo.

A prime rate (juros que os bancos norte-americanos cobram de seus melhores clientes) subiu ontem de 11,5% para 12,0%, acreditando-se que poderá chegar a pelo menos 13,0% até o final do ano. Diante da notícia, o presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, procurou mostrar tranquilidade: disse que o Brasil tem condições de suportar mais esta alta de juros — embora a variação de 1% das taxas nos últimos 20 dias represente para o País um desembolso adicional de nada menos que US\$ 700 milhões nos próximos 12 meses, caso a prime permaneça no atual patamar.

No entender de Pastore, a carga adicional é suportável em razão do “desempenho favorável” da economia brasileira. Além disso, as condições do mercado financeiro internacional asseguram que o governo obterá “melhores condições” na próxima etapa de renegociação da dívida externa (compromissos a vencer entre 1985 e 1987), como menores spreads (taxas de risco) e maiores prazos de amortização e carência, a exemplo dos concedidos aos mexicanos.

O próprio Pastore admitiu, porém, que estas condições não são tão favoráveis assim. De um lado, disse que a taxa do euromercado Libor não deverá acompanhar a elevação da prime, permanecendo em 11% ao ano. De outro lado, reconheceu que a Libor também pode subir,



pois se ficar em nível inferior estimulará a fuga de capitais para os Estados Unidos. Admitiu, portanto, como mais provável, uma reação em cadeia dos bancos europeus.

Deixou claro, contudo, que a política do general Figueiredo é não adotar qualquer medida mais drástica. “O que o Brasil pode fazer é registrar o problema e esperar. Se ficar confirmada a tendência de alta dos juros externos, aí sim o País estará com problema.”

Por enquanto, “não há razão para se acender a luz no painel”, insistiu Pastore, dizendo que o País pode compensar a perda decorren-

te da elevação dos juros pelos ganhos nas exportações propiciados pela desvalorização do dólar perante outras moedas fortes.

Esta afirmação de Pastore foi, porém, desmentida ontem mesmo pela elevação das cotações do dólar no mercado internacional — o que aliás é a tendência normal nestes casos. O próprio ministro da Fazenda, Ernane Galvão, comentava ontem em Brasília que a elevação da prime bloqueia os investimentos, atrapalha o balanço de pagamentos, reduz os preços dos produtos primários brasileiros e gera descompasso com as moedas europeias.

Até agora, as previsões oficiais sobre o superávit comercial de US\$ 9 bilhões este ano (recorde histórico) vinham sendo confirmadas. Mesmo assim, esta quantia era inferior à previsão de pagamentos apenas por conta dos juros da dívida externa: mas de US\$ 11 bilhões. Ou seja, a dívida externa continuará crescendo, independentemente de qualquer esforço que o País possa fazer.

O problema se complica ainda mais porque fontes categorizadas da área econômica prevêem que os juros internacionais se elevarão em pelo menos mais 0,5% até o final do ano, com base em estimativas do economista-chefe da Salomon Brothers, Henry Kaufman.